

# **MULHERES QUE CURAM: OS SABERES RITUALÍSTICOS SOBRE USO DE ERVAS DAS REZADEIRAS E BENZEDEIRAS DE MIGUEL PEREIRA, RJ**

ANA CAROLINA CLEMENTE E ANA ANGÉLICA MONTEIRO

## **MULHERES QUE CURAM: OS SABERES RITUALÍSTICOS SOBRE USO DE ERVAS DAS REZADEIRAS E BENZEDEIRAS DE MIGUEL PEREIRA, RJ**

**WOMEN WHO HEAL: RITUALISTIC KNOWLEDGE ABOUT THE USE OF HERBS PRAYERS AND FAITH HEALERS FROM MIGUEL PEREIRA, RJ**

**ANA CAROLINA CLEMENTE DOS SANTOS<sup>1</sup>**

[cacaclemente@gmail.com](mailto:cacaclemente@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0001-9744-2993>

**ANA ANGÉLICA MONTEIRO DE BARROS<sup>2</sup>**

[anaangbarros@gmail.com](mailto:anaangbarros@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-4735-5808>

### **Resumo**

No Brasil a prática da reza e do benzimento envolve conhecimentos herdados pela linha familiar feminina e mescla-se num sincretismo religioso. Mulheres com diferentes origens reconhecem em si mesmas o dom de curar pelas rezas e pelas plantas sagradas, exercendo, assim, sua fé e caridade para com o próximo. O objetivo deste estudo foi inventariar as plantas ritualísticas utilizadas pelas rezadeiras e benzedadeiras de Miguel Pereira no contexto religioso de matriz africana, especialmente na umbanda, e apontar as espécies-chave bioculturais, descrevendo suas propriedades simbólicas. O município de Miguel Pereira localiza-se no estado do Rio de Janeiro, Brasil, na região do Vale do Paraíba do Sul, conhecido como Vale do Café.

**Palavras-chave:** Ervas ritualísticas. Cura. Religiões brasileiras de matrizes africanas. Umbanda. Etnoconhecimento.

---

<sup>1</sup> Graduada em ciências biológicas (bacharelado e licenciatura, habilitação biológica) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2011 e mestre em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade (Ppgeas - Uerj - FFP). Área de concentração: Biodiversidade e Avaliação Socioambiental. Etnobotânica.

<sup>2</sup> Bióloga, professora associada da Uerj - FFP, do Herbário da Faculdade de Formação de Professores da Uerj (RFFP), integrante do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade. Tem como linha de pesquisa a florística, etnobiologia, ecologia de comunidades e ecologia histórica.

**Abstract**

*In Brazil, the practice of prayer and blessing is a legacy of female ancestry and mix in a religious syncretism. Women with different origins recognize that have the gift of healing through prayers and sacred plants, thus exercising their faith and benevolence with other people. The objective of this study was to inventory the ritualistic plants used by the prayers and faith healers of Miguel Pereira in the religious context of African origin, especially in Umbanda, and also to point out the key biocultural species, describing the symbolic properties of these plants. The municipality of Miguel Pereira in the state of Rio de Janeiro, Brazil, in a region known as Vale do Paraíba do Sul or Vale do Café.*

**Keywords:** *Ritualistic herbs. Cure. Brazilian religions of African origins. Umbanda. Ethnoknowledge.*

## Introdução

A multiculturalidade brasileira permitiu intenso intercâmbio com base nos conhecimentos ancestrais de diferentes povos formadores de nossa sociedade. Essa condição inclui as práticas de cura envolvendo a utilização de ervas litúrgicas, que datam de muito tempo e estão presentes nas tradições europeia (Del Priore, 2000), indígena (Souza, 2004) e africana (Barros, Napoleão, 2009).

No Brasil, os primeiros registros das atividades de benzedadeiras começaram a surgir a partir do século 17, época na qual era colônia de Portugal. Enquanto os estudos de medicina avançavam pelo mundo, Portugal não acompanhou esse progresso. Nesse período continuava-se a acreditar que a existência de doenças que acometiam o corpo físico seria uma forma de “punição de Deus”, em decorrência dos pecados cometidos pelas pessoas. Esse pensamento dificultava para os médicos o exercício da profissão neste país. Assim, o cuidado terapêutico com os doentes ficava nas mãos de mulheres benzedadeiras, que aprenderam com as mães, numa tradição familiar, como curar certas doenças com ervas, raízes, orações católicas e outros instrumentos (Del Priore, 2000).

Embora a maior parte dessas pessoas fosse católica, a prática da benzedura não está relacionada somente a essa liturgia. Observa-se a integração de aspectos do catolicismo, das religiões brasileiras de matrizes africanas, da cultura indígena e do kardecismo (Maciel, Guarim Neto, 2006). A religiosidade sincrética no Brasil colônia mesclou diferentes métodos de cura espiritual e física, provenientes dos povos originários, dos africanos escravizados, dos europeus portugueses, judeus e seus descendentes que saíram da Europa para se refugiar na América.

Apesar da preponderância do catolicismo em Portugal, eram comuns as manifestações pagãs, com o uso de magia e adivinhações nas camadas mais populares (Oliveira, 2018). Isso compreendia também o uso de rezas e benzeduras com ervas. Ao se empregar o termo “erva” para se referir a uma espécie vegetal, está se reforçando o simbolismo que a planta carrega. O que inclui a questão de a seiva vegetal ser entendida

como o “sangue” que é extraído para a cura, o bem-estar e o equilíbrio necessário entre o mundo físico e o espiritual (Carlessi, 2016).

Nesse contexto, destaca-se o conhecimento etnobotânico de matriz africana, já que, para as religiões associadas a essa expressão cultural, todos os elementos vivos contêm “força vital”, “poder”, “energia” que chamam de axé, palavra derivada de *àṣẹ*, termo de origem iorubá. Tudo o que se movimenta, todos os seres vivos têm axé, embora em quantidades diferentes. Quando falta axé ou há em excesso, ocorre um desequilíbrio que acarreta doenças. Dessa forma, reequilibrar o axé é fundamental para atingir o bem-estar (Prandi, 2022), o que se faz utilizando-se o axé das folhas e dos animais.

A umbanda, religião brasileira de matriz africana fundada em 1908, busca o reestabelecimento da saúde e a cura de doenças, sejam elas físicas, mentais ou espirituais a partir da “manifestação dos espíritos para a prática da caridade” (Trindade, 2011, p. 56). Reverencia os Orixás, que representam as essências divinas da natureza (Saraceni, 2022) e entidades espirituais que incorporam em médiuns para a realização da cura (Gomes, 2021). As entidades são reunidas em falanges, que são comandadas pelos Orixás. São elas: Linha das Almas (pretos(as) velhos(as)), Povo do Oriente (ciganos e orientais), Linha dos Boiadeiros, Linha das Crianças (erês), Linha dos Caboclos (indígenas) e Povo de Esquerda (exus e pombagiras) (Prandi, 2010).

Nesse contexto, as mulheres ocupam papel de destaque nas lideranças dos terreiros de religiões de matriz africana por ser as guardiãs dos saberes de cura, aspecto mais ligado ao feminino (Birman, 1995; Quadros, Guedes, 2022; Barros, Azevedo, 2021; Pinto, 2021). Muitas rezadeiras são médiuns e mães de santo, e realizam a cura pela reza, pela utilização de ervas e das entidades que incorporam durante os rituais de benzimento.

As rezadeiras e benzedadeiras, de maneira geral, entendem que seu poder de curar é um “dom divino” e que Deus as usa como ferramentas em tal prática. Dessa forma, comumente consideram que não devem cobrar pelos benzimentos (Siuda-Ambroziak, 2018). Acreditam que o

“dom” é herdado de seus antepassados e assim, o hábito de benzer é mantido nas famílias, passado de uma geração à seguinte. Quando uma benzedeira fica idosa, ela busca entre suas filhas e netas aquela que deverá dar continuidade a seu “dom da cura”. A partir de então começa a prepará-la para assumir seu lugar. Para que uma pessoa mais nova possa se tornar aprendiz, deve ter interesse e responsabilidade, porque o conhecimento envolve também segredos que precisam ser bem guardados e conhecidos somente por quem realizará o ofício de benzer – além, é claro, do dom herdado, representado por uma herança espiritual por via feminina (Oliveira, 2022).

Assim como no candomblé, na umbanda existem ervas muito importantes e essenciais, sem as quais os rituais de cura não podem ocorrer. Essas podem ser consideradas espécies-chave bioculturais (Sousa, 2014). Esse conceito deriva da ideia de espécies-chave ecológicas criada por Robert Paine em 1969 na área da ecologia (Assis et al., 2010). Trata-se de associação ao entendimento do papel indispensável que espécies animais ou vegetais podem desempenhar em determinada cultura (Sousa, 2014; Molina, 2023). No âmbito do ritual das benzeduras a determinação de espécies-chave bioculturais ressalta sua importância simbólica e também traz o questionamento sobre o porquê de uma determinada espécie poder ser escolhida para tal uso e sobre os efeitos que, junto com as rezas empregadas, terá sobre o consulente.

O presente estudo foi realizado em Miguel Pereira (Latitude: 22°27'54" Sul, Longitude: 43°27'56" Oeste), município localizado na região centro-sul fluminense, situada na área central do estado do Rio de Janeiro. Juntamente com a região do médio Vale do Paraíba está estabelecido na área de influência do Vale do rio Paraíba do Sul (Nunes, 2019). Sua ocupação territorial teve início no século 17, a partir das atividades ligadas à exploração do ouro em Minas Gerais.

Até o século 18, essa região do Vale do Paraíba era habitada pelos povos originários Coroados, Puri e Arari, que praticavam atividades de coleta de alimentos disponíveis nas áreas nativas, pesca e cultivo de diferentes vegetais. Com a ocupação luso-brasileira desse território, os

primeiros contatos com esses grupos se intensificaram em consequência da abertura do Caminho Novo para Minas Gerais no início do século 18. Até o final desse século, os conflitos envolvendo essas duas diferentes sociedades evidenciaram intensa disputa territorial, que resultou no aldeamento indígena em missões religiosas (Lemos, 2016; Alvarenga, 2022).

A ocupação de origem europeia em Miguel Pereira está associada às cidades de Vassouras e Paty do Alferes devido à expansão da cultura cafeeira na porção fluminense do Vale do rio Paraíba do Sul no século 19. O grande desenvolvimento econômico do município ocorreu com a produção do café, principalmente no século 19, que usava como força de trabalho a exploração da mão de obra escrava africana (Chimento, 2020). O declínio econômico do Vale do Paraíba do Sul, de forma geral, ocorreu principalmente pelo esgotamento do solo, devido a sua exploração inadequada pelas plantações de café, e foi intensificado com a abolição da escravidão em 1888.

A pesquisa para este artigo foi realizada ao longo de 2022 e 2023, buscando inventariar as plantas ritualísticas utilizadas pelas rezadeiras e benzedadeiras de Miguel Pereira no contexto religioso de matriz africana, mais especificamente, na umbanda, bem como apontar as espécies-chave bioculturais utilizadas pelas rezadeiras e benzedadeiras e descrever suas propriedades simbólicas.

## **Procedimentos metodológicos**

Este trabalho de abordagem etnodirigida de natureza qualitativa foi desenvolvido em 2022 e 2023 a partir de visita prévia ao Terreiro da Capelinha, situado em Vera Cruz, na zona rural de Miguel Pereira. Nesse encontro foram realizadas conversas informais com mulheres potencialmente participantes da pesquisa e foi apresentado o projeto sobre o uso de plantas ritualísticas nas práticas de rezas e benzimentos. O perfil de seleção incluiu mulheres adultas de qualquer idade, que tivessem conhecimento e praticassem rituais de rezas e benzimentos

utilizando ervas ritualísticas associadas a alguma religião de matriz africana e que fossem moradoras de Miguel Pereira. Devido ao número reduzido de pessoas que atenderam a esses critérios, essa amostragem foi lineal, ou seja, cada participante recomendou outra, de forma que a amostra crescesse em ritmo linear. Assim, quatro rezadeiras e benzedadeiras compartilharam seus conhecimentos nessa pesquisa.

A partir do contato prévio com alguma entrevistada selecionada foi solicitado que indicasse outra pessoa de seu conhecimento que também se encaixasse nesse perfil. A técnica utilizada para essa seleção foi a bola de neve (*snow ball*). Adotou-se a observação participante para a escolha da primeira colaboradora durante uma gira de umbanda realizada no Terreiro da Capelinha. As três seguintes aconteceram nos quintais ritualísticos das casas das próprias rezadeiras, localizados em Governador Portela, primeiro distrito de Miguel Pereira. Ao ser selecionadas, as participantes foram informadas quanto aos objetivos do trabalho e a metodologia a ser seguida. Foi entregue o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE), contendo todas as informações indispensáveis para a realização do estudo, sendo solicitado que fosse lido e assinado.

Foi utilizada a entrevista semiestruturada, direcionada por roteiro previamente elaborado e composto por questões abertas. As entrevistas foram realizadas de forma individual, acompanhadas informalmente. Utilizou-se um questionário contendo três blocos de perguntas norteadoras relacionadas à identificação das entrevistadas e a suas trajetórias de vida, ao modo de uso das plantas ritualísticas nas práticas das rezas, à forma como os ritos são executados e à associação da simbologia às religiões brasileiras de matrizes africanas.

As entrevistas foram realizadas em locais indicados pelas rezadeiras. Assim, a participante 1 foi entrevistada duas vezes, uma em seu local de trabalho profissional e outra no Terreiro da Capelinha, onde é médium umbandista. A entrevista com a participante 2 foi realizada na loja comercial de produtos religiosos de que é uma das sócias. As participantes 3 e 4 foram entrevistadas nos quintais de suas casas.



Para o registro das entrevistas foi utilizado um gravador eletrônico e também foram feitas anotações em caderno de campo. A entrevista gravada foi transcrita para que pudesse ser analisada. Os registros fotográficos e filmagens foram feitos em concordância com as entrevistadas para compor o acervo documental da pesquisa. As plantas apresentadas pelas rezadeiras/benzedadeiras foram fotografadas e filmadas, assim como o ritual de benzimento e rezas. As fotografias e filmes foram obtidos através da câmera de um celular Galaxy M32.

O material testemunho das plantas utilizadas pelas benzedadeiras/rezadeiras de Miguel Pereira foi coletado segundo as técnicas usuais de coletas botânicas (Guedes-Bruni et al., 2002; Peixoto, Maia, 2013) e registrado no herbário da Faculdade de Formação de Professores da Uerj (RFFP). As espécies foram identificadas por meio de bibliografia especializada, consultas aos herbários via o acervo digital das plataformas Jabot (Reflora, 2020b) e SpeciesLink (s.d.), além do auxílio de especialistas botânicos, quando necessário. A listagem florística foi organizada para as famílias de Angiospermas segundo o Angiosperm Phylogeny Group IV (APG, 2016). A grafia das espécies nativas foi conferida nas plataformas disponíveis na internet Flora e Funga do Brasil (Reflora, 2020a) e The World Flora Online (WFO, s.d.) para as exóticas.

Os dados referentes às plantas ritualísticas foram analisados por meio da estatística descritiva, tendo as espécies citadas sido organizadas em ordem alfabética, apresentando a identificação das famílias botânicas, nomes científicos, nomes populares, nomes ritualísticos, contexto de uso e entidade religiosa relacionada. Esses dados foram utilizados para se avaliar a riqueza estimada das plantas citadas (Gotelli, Ellison, 2010).

Os nomes populares das plantas utilizadas referem-se aos indicados pelas entrevistadas. A identificação da origem geográfica das espécies foi obtida na literatura especializada (Camargo, 1988; Albuquerque, 1997; Almeida, 2011; Lorenzi, Matos, 2021) e na plataforma Flora e Funga do Brasil (Reflora, 2020a). As indicações do uso ritualístico, bem como as divindades relacionadas à natureza das ervas correspondem às informações dadas pelas entrevistadas, reiteradas por consultas feitas

na literatura examinada (Albuquerque, 1997; Barros, Napoleão, 2009; Almeida, 2011).

Para a determinação das espécies-chave bioculturais, o inventário final das plantas citadas pelas entrevistadas foi a elas apresentado, com a solicitação de que apontassem o valor do índice de influência cultural (ICI) referente a cada espécie. Esse índice foi atribuído de acordo com a frequência de uso – 1: não utiliza; 2: utiliza pouco; 3: utiliza de vez em quando; 4: utiliza frequentemente; e 5: utiliza sempre (Assis et al., 2010; Sousa, 2014). Assim, as plantas que obtiveram maior pontuação foram consideradas as espécies-chave bioculturais para as rezadeiras e benzedeiras de Miguel Pereira.

Para fins de validação da pesquisa, o projeto foi submetido à Plataforma Brasil e consequentemente ao comitê de ética da Uerj. Obteve o parecer número 5.843.192, afirmando que os documentos apresentados permitem o entendimento do projeto e a realização de sua avaliação ética, estando de acordo com as Normas n. 466/12 e 510/16.

## **Resultados e discussão**

As práticas de benzimentos e rezas feitas por mulheres estão desaparecendo no cotidiano moderno (Siuda-Ambroziak, 2018). Assim, a realidade do universo amostral é pequena, sendo este um recorte de resgate de um conhecimento que está se perdendo ao longo do tempo. Com média de idade de 65 anos, duas das quatro rezadeiras são mãe de santo, uma foi, mas não exerce mais o cargo por ter fechado seu terreiro, e a outra preferiu não assumir o posto, exercendo outra função no terreiro que frequenta. Até o final de 2023 dois desses terreiros encontravam-se temporariamente fechados.

As rezadeiras e benzedeiras entrevistadas são moradoras de Miguel Pereira há pelo menos dez anos e tiveram sua espiritualidade desenvolvida na própria cidade. São reconhecidas pela comunidade como benzedeiras e não é difícil localizá-las. Atendem onde for preciso, seja numa gira de umbanda, religião na qual são iniciadas e praticantes,

ou em casa. Exercem papel de liderança em suas comunidades e estão sempre prontas para atender e ajudar quem as procura. Não cobram por seus atendimentos, mas recebem presentes como agradecimentos pelas curas feitas. Todas afirmam que possuem um dom e que sozinhas não têm o poder de curar. São categóricas ao dizer que servem como instrumento para que seus guias e Orixás reestabeleçam a saúde dos consulentes.

Embora saibam que têm parentes distantes de origem africana, como avô(s) ou bisavô(s), todas as entrevistadas apresentam pele clara, se identificam como brancas e também são descendentes de portugueses. Mesmo com a ancestralidade portuguesa, não relacionam o que fazem a uma origem colonial europeia. Isso lhes parece um passado muito distante, que na atualidade não apresenta conexões com o rezar e o benzer que praticam. Percebe-se também que os rituais que exercitam não estão restritos apenas ao âmbito das religiões de matrizes africanas, pois o fazem dentro e fora dos terreiros.

As rezadeiras de Miguel Pereira, de modo geral, adquiriram seus conhecimentos de formas distintas ao longo da vida. Rezam o mau-olhado, inveja ou olho-grande, quebranto (mal-estar acompanhado de fraqueza, desânimo e, às vezes, vômito e diarreia) (Sant'Ana, Seggiaro, 2007), espinhela caída (expressão relacionada a dores no corpo, no estômago e presença de cansaço anormal) (Souza, 2018), torções, luxações, dores em geral e outros males. Algumas fizeram cursos, porém todas tiveram o aprendizado inicial a partir de uma mulher mais velha e mais sábia. Duas delas aprenderam com parentas próximas, e outras duas não. Assim, é possível caracterizar a transmissão de conhecimento entre as rezadeiras e benzedadeiras de Miguel Pereira de forma oblíqua, dadas as múltiplas influências a que foram submetidas em sua formação. Segundo Soldati e Albuquerque (2016), essa classe de transmissão de conhecimentos se aplica quando o aprendizado vem de outros adultos, não necessariamente parentes consanguíneos. Muito de seu trabalho é intuitivo e coordenado por entidades espirituais, o que ganha ainda uma dimensão sagrada, que não pode ser mensurada ou descrita.

Entre os instrumentos de cura mais utilizados pelas rezadeiras e benzedadeiras estão as ervas, o copo com água e a vela. A relação dessas mulheres com as ervas que utilizam envolve cuidado e zelo e parte delas as cultiva em seus quintais. Esses locais podem ser chamados de quintais ritualísticos, não sendo permitido, em geral, que se retire nenhuma planta sem a devida autorização. Normalmente há rezas e horários que devem ser seguidos para a coleta de alguma erva. Esses procedimentos indicam a sacralidade presente nos vegetais cultivados e em seu ambiente de plantio. É mais do que um simples jardim, pois se apresenta como território impregnado de cultura e religiosidade, onde os saberes agregados passam para as gerações seguintes pela oralidade.

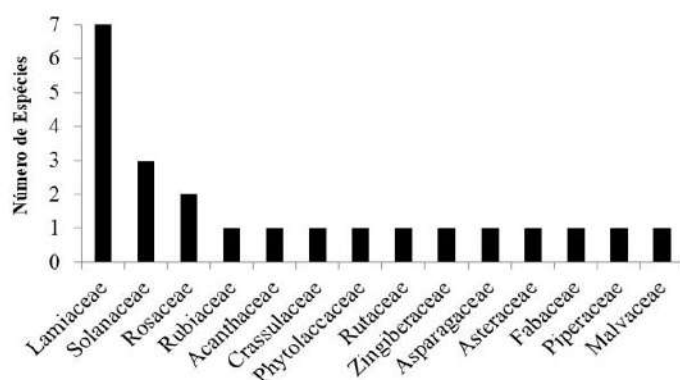
A pesquisa inventariou 23 espécies de Angiospermas citadas pelas entrevistadas, que correspondem a 14 famílias e 19 gêneros. Lamiaceae foi a família com maior riqueza de espécies, sete (Gráfico 1, Tabela 1). Normalmente essa família se destaca nas pesquisas etnobotânicas relacionadas com os processos curativos de rezas e benzeduras (Oliveira, Trovão, 2009; Gomes, Portugal, Pinto, 2016; Santos et al., 2020; Cavalcante, Scudeller, 2022). Os cheiros característicos das espécies dessa família têm grande expressão nos rituais de benzeduras. Lamiaceae é composta por espécies ricas em óleos essenciais como limoneno, mentol, canfeno, entre outros. Essas substâncias apresentam ação antimicrobiana, antisséptica e expectorante (Lorenzi, Matos, 2021).

Tabela 1 – Relação das espécies de plantas citadas nas entrevistas pelas rezadeiras e benzedadeiras de Miguel Pereira, Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

FAMÍLIA (Gênero/Espécie)	ESPÉCIE	NOME POPULAR	ORIGEM GEOGRÁFICA	FREQUÊNCIA DE CITAÇÃO	ENTIDADES ASSOCIADAS	INDICAÇÃO DE USO	VOUCHER
ACANTHACEAE (1/1)	<i>Justicia gendarussa</i> Burm. f.	Vence- demanda	Ásia (Índia)	2	Ogum Oxóssi Iansã	Banho	A.C.C. Santos 12
ASPARAGACEAE (1/1)	<i>Dracaena trifasciata</i> (Prain) Mabb.	Espada-de- São-Jorge Espada-de- São-Ogum	África	1	Ogum Cigano Caboclo	Banho Limpeza	A.C.C. Santos 9
ASTERACEAE (1/1)	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Alecrim-do- campo	Brasil	2	Oxalá	Benzimento	A.C.C. Santos 19
LAMIACEAE (6/7)	<i>Menha spicata</i> L.	Elevente	Europa	4	Oxalá Iemanjá Oxum	Banho	A.C.C. Santos 15
	<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva- cidreira	Europa e Ásia	1	Oxum	Banho Ingestão Benzimento	A.C.C. Santos 29
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	Europa	3	Preto(a)- Velho(a)	Banho Defumação	A.C.C. Santos 13
	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavacão	Brasil	1	Oxóssi	Banho	A.C.C. Santos 27
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Tapete-de- Oxalá Bordo	Ásia (Índia)	2	Oxalá	Banho	A.C.C. Santos 2
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Europa	2	Oxóssi Oxalá	Banho	A.C.C. Santos 28
MALVACEAE (1/1)	<i>Sida planicaulis</i> Cav.	Vassoura- de-benzer	Brasil	1	Ogum, Oxum, Xangô	Banho Benzimento	A.C.C. Santos 26
PHYTOLACCACEAE (1/1)	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	América Tropical	4	Preto(a)- Velho(a)	Defumação	A.C.C. Santos 25
PIPERACEAE (1/1)	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Oriri	Brasil	1	Oxum Oxalá	Banho	A.C.C. Santos 15
ROSACEAE (1/2)	<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Rosa- branca- múda	Ásia	3	Erês	Banho de crianças	A.C.C. Santos 23
	<i>Rosa</i> sp.	Rosa- branca-de- cacho	África	3	Oxalá	Banho	-
RUBIACEAE (1/1)	<i>Coffea arabica</i> L.	Café	África	2	Preto(a)- Velho(a)	Ingestão Banho	A.C.C. Santos 14
RUTACEAE (1/1)	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Europa	4	Preto(a)- Velho(a)	Defumação	A.C.C. Santos 11
SOLANACEAE (2/3)	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Tabaco	América do Sul		Preto(a)- Velho(a)	Defumação	A.C.C. Santos 20
	<i>Solanum argenteum</i> Dunal	Erva-de- Ogum	Brasil	1	Ogum	Defumação Banho	A.C.C. Santos 21
	<i>Solanum cornutum</i> Vell.	Panaceia	Brasil	1	Xangô	Banho	A.C.C. Santos 18
ZINGIBERACEAE (1/1)	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R.M. Sm.	Colônia	Ásia	2	Oxalá Iemanjá	Banho	A.C.C. Santos 17

Fonte: A autora, 2023.

Gráfico 1 – Riqueza de espécies nas famílias de plantas ritualísticas utilizadas pelas benzedeiras e rezadeiras de Miguel Pereira entrevistadas.



Fonte: A autora, 2023.

As plantas indicadas pelas rezadeiras para banhos são preparadas a partir da maceração das folhas em água morna ou fria, principalmente de espécies de Lamiaceae. Dias, Menezes Filho e Porfiro (2022) relatam que no momento do banho de ervas, pequenas quantidades do óleo essencial diluído podem ser absorvidas diretamente pela pele, ocasionando efeitos diversos.

As rezadeiras de Miguel Pereira rezam de acordo com a necessidade da pessoa que as procura e determinam a erva a ser utilizada a partir dos conhecimentos acumulados e com as orientações recebidas de seus guias. O cheiro das plantas também é fator importante levado em consideração por elas no momento da seleção das ervas. Aquelas com cheiro mais forte são indicadas para afastar maus espíritos, limpar energias densas e pesadas e são utilizadas na forma de defumação. Já as ervas com odores mais suaves são indicadas para tranquilizar a mente e o espírito, acalmar e trazer paz ao consulente.

Das entrevistadas, três seguem um sistema de classificação específico para a escolha das plantas, reunindo-as em grupos de ervas frias, mornas e quentes (Quadro 1). As quentes são consideradas mais fortes e com mais concentração energética. As mornas são equilibradoras e têm a função de reconstruir o campo energético e astral do consulente.

As frias acalmam e levantam a pessoa (Purificação, Catarino, Amorim, 2019).

Quadro 1 – Classificação energética das folhas e sua indicação por rezadeiras e benzedadeiras de Miguel Pereira, Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

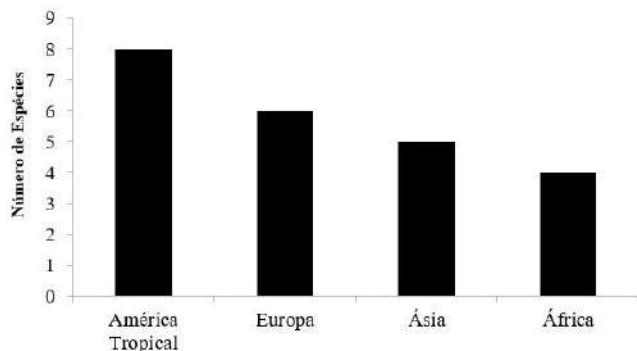
CLASSIFICAÇÃO DAS ERVAS	ERVAS INDICADAS	UTILIZAÇÃO
Frias	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt & R.M. Sm. (Colônia)	Banho/Ingestão
	<i>Canavalia ensiformis</i> (L.) DC. (Fava-de-Oxalá)	Banho
	<i>Coffea arabica</i> L. (Café)	Banho/Ingestão
	<i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw. (Saião)	Banho
	<i>Lavandula dentata</i> L. (Lavanda)	Banho
	<i>Melissa officinalis</i> L. (Erva-cidreira)	Banho/Ingestão/ Benzimento
	<i>Mentha spicata</i> L. (Elevante)	Banho
	<i>Ocimum basilicum</i> L. (Manjerição)	Banho
	<i>Ocimum gratissimum</i> L. (Alfavacão)	Banho
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr. (Tapete-de-Oxalá)	Banho
	<i>Rosa chinensis</i> Jacq. (Rosa-branca-miúda)	Banho
	<i>Rosa</i> sp. (Rosa branca de cacho)	Banho
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Alecrim)	Banho
	<i>Solanum cernuum</i> Vell. (Panacéia)	Banho
Mornas	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC. (Alecrim-do-campo)	Benzimento
Quentes	<i>Justicia gendarussa</i> Burm.f. (Vencedemanda)	Banho
	<i>Nicotiana tabacum</i> L. (Tabaco)	Defumação/Banho
	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth (Oriri)	Defumação/Banho
	<i>Petiveria alliacea</i> L. (Guiné)	Defumação
	<i>Ruta graveolens</i> L. (Arruda)	Defumação
	<i>Dracaena trifasciata</i> (Prain) Mabb. (Espada-de-São-Jorge)	Banho/limpeza
	<i>Sida planicaulis</i> Cav. (Vassoura-de-benzer)	Benzimento

Fonte: A autora, 2023.

A maior parte das espécies citadas é originária da América tropical, incluindo o Brasil (oito espécies), seguida da Europa (seis), Ásia (cinco) e África (quatro) (Tabela 1, Gráfico 2).



Gráfico 2 – Origem geográfica das plantas ritualísticas citadas pelas benzedadeiras e rezadeiras de Miguel Pereira entrevistadas.



Fonte: A autora, 2023.

Sete espécies são nativas do Brasil: alecrim-do-campo (*Baccharis dracunculifolia* DC.), fava-de-Oxalá (*Canavalia ensiformis* (L.) DC.), alfavacão (*Ocimum gratissimum* L.), oriri (*Peperomia pellucida* (L.) Kunth), panaceia (*Solanum cernuum* Vell.), erva-de-Ogum (*Solanum argenteum* Dunal) e vassourinha-de-benzer (*Sida planicaulis* Cav.). Duas espécies são naturalizadas no Brasil, o tabaco (*Nicotiana tabacum* L.) e a guiné (*Petiveria alliacea* L.). O tabaco tem origem provável nos Andes e noroeste da Argentina. É amplamente cultivado em várias partes do mundo, o Brasil entre elas (Vignoli-Silva, Stehmann, s.d.a).

As espécies exóticas podem preencher lacunas não desempenhadas por espécies nativas. Assim, se diversifica o uso das plantas e se amplia a disponibilidade das ervas ritualísticas (Albuquerque, 2006). Plantas exóticas podem ser usadas em casos específicos, para aos quais as plantas nativas podem não atender à demanda (Alencar, Santoro, Albuquerque, 2014).

A arruda (*Ruta graveolens* L.), o tabaco, o alecrim (*Rosmarinus officianalis* L.), a rosa-branca-de-miúda (*Rosa chinensis* Jacq.) e a rosa-branca-de-cacho (*Rosa* sp.) são espécies que apresentam grande expressão cultural, religiosa e medicinal para os povos de matrizes africanas e indígenas. A utilização da rosa-branca-de-cacho (*Rosa* sp.) pelos povos originários, em geral, se dá quando há relação entre a falange



dos indígenas na umbanda (Assunção, 2017). Os Xucuru, indígenas naturais de Pernambuco no Brasil, queimam as folhas secas do alecrim para defumar e limpar os caminhos (Silva, Andrade, 2002). Também na forma de defumação, elas são usadas na umbanda, sendo muito indicadas para banhos, função em que demonstra ter efeito equilibrador e tranquilizador (Ferreira et al., 2021). Atuam na proteção da alma, do corpo, do ambiente e para afastar as energias negativas (tristeza, doenças e espíritos maus) (Santos et al., 2020).

Nessa condição, essas plantas podem ser enquadradas no conceito de espécie-chave biocultural para as rezadeiras e benzedeiras de Miguel Pereira, que as citam amplamente. Embora não tenham alcançado a pontuação máxima, o manjerição, a guiné, o café (*Coffea arabica* L.) e o elevante (*Mentha spicata* L.) igualmente podem ser considerados espécies-chave bioculturais. Seus ICI foram maiores em relação às demais espécies citadas pelas rezadeiras e benzedeiras (Tabela 2).

Tabela 2 – Relação entre as espécies-chave bioculturais e seus índices de influência cultural no contexto da Umbanda, citadas pelas rezadeiras e benzedeiras de Miguel Pereira, estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Nome Científico	Nome popular	Frequência de uso					IIC Total
		1	2	3	4	5	
<i>Coffea arabica</i> L.	Café				xx	xx	18
<i>Mentha spicata</i> L.	Elevante			x	x	xx	17
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Rapé/Tabaco					xxxx	20
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição				x	xxx	19
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné				x	xxx	19
<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Rosa-branca-miúda					xxxx	20
<i>Rosa</i> sp.	Rosa-branca-de-cacho					xxxx	20
<i>Rosmarinus officianalis</i> L.	Alecrim					xxxx	20
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda					xxxx	20

Legenda: 1 – não usa; 2 – usa pouco; 3 – usa de vez em quando; 4 – usa frequentemente; 5 – usa sempre. IC – índice de influência cultural.

Fonte: A autora, 2023.

O elevante faz parte dos banhos de abô – infusão de ervas sagradas e outros elementos usada em banhos ritualísticos para purificação (Kileuy, Oxaguiã, 2014). O abô representa a “água dos Orixás” e é muito importante no culto do candomblé. Está presente em todas as obrigações na ritualística dos terreiros dessa religião. Funciona como elo entre o mundo dos Orixás e o mundo da humanidade, proporcionando o fortalecimento físico e espiritual do iniciado (Barros, Napoleão, 2009). Quando secas, as folhas do elevante podem ser queimadas para se fazer a defumação do ambiente. O fato de ter efeito refrescante (Balmé, 2000) predispõe essa erva para uso no abô, que tem como finalidade acalmar a mente e o espírito da pessoa. Seu emprego na defumação tem como objetivo limpar o ambiente e o consulente dos maus espíritos e cargas negativas. Normalmente, os óleos essenciais produzidos por plantas do gênero *Mentha* têm ação expectorante (Lorenzi, Matos, 2021).

Nos rituais de benzimento o alecrim é usado seco para defumar o ambiente e afastar os maus espíritos. O ramo fresco verde é empregado no ato de benzer diretamente a pessoa. O banho e a ingestão do chá feito com suas folhas são recomendados para aqueles que foram rezados. O alecrim é conhecido na medicina tradicional de diferentes países e usado na forma de infusão (Lorenzi, Matos, 2021). Apresenta atividade colerética e hepatoprotetora (Almeida, 2011). De modo comprovado atua internamente nos casos de hipertensão, problemas digestivos e perda de apetite. Externamente o chá de suas folhas é usado em casos de reumatismo para banhar o local afetado. Também tem efeito cicatrizante, antimicrobiano e estimulante do couro cabeludo, bem como da pele e das unhas (Ferreira et al., 2021; Lorenzi, Matos, 2021).

A análise fitoquímica dos óleos essenciais presentes no alecrim mostra que seus principais terpenoides são o pineno, o canfeno e o cineol (Lorenzi, Matos, 2021). A presença do canfeno justifica a sensação de refrescamento que o banho de alecrim traz. Já os flavonoides estão associados à sensação de relaxamento e paz após o banho ou ingestão do chá. Isso ocorre porque alguns tipos de flavonoides se ligam a determinados receptores do sistema nervoso central, aumentando, dessa

forma, a produção de neurotransmissores associados a casos de ansiedade e depressão (Dias, Menezes Filho, Porfiro, 2022).

A rosa-branca foi citada por três benzedeiras entrevistadas como sendo erva fria e indicada para banho feito com as pétalas. Deve ser tomado a partir da cabeça (*ori*), com o objetivo de acalmar, tranquilizar e purificar o consulente. Na umbanda é utilizada na composição do *amaci*, ritual que prepara o médium para receber as energias do terreiro, limpando seu campo áurico e ajudando na confirmação das entidades que irão trabalhar com ele. Além disso, faz parte das oferendas para as pombagiras (Azevedo, 2022).

O elemento de benzimento dos(as) pretos(as) velhos(as) é o café. Utilizado na forma de ingestão e preparado com o pó da semente. O banho é feito a partir da maceração das folhas. Nesse caso, normalmente é empregado junto com folhas de guiné e de fumo. A cafeína, que é um dos princípios ativos do café, está presente nas folhas e nas sementes. Tem atividade comprovada cientificamente como excitatória do sistema nervoso, dos músculos, do cérebro, dos rins e do coração (Balmé, 2000; Lorenzi, Matos, 2021). Uma das rezadeiras apontou seu uso no benzimento com o café ingerido frio, pois sua guia espiritual, que é uma preta velha, assim pede.

O manjerição é erva aromática restaurativa que atua baixando as febres, melhorando a digestão e aliviando as dores do reumatismo. Amplamente presente na culinária, assim como o alfavacão e o alecrim, três espécies de Lamiaceae. É utilizado na forma de chá ou infusão e nas comidas para acentuar o gosto e ajudar na digestão. Essas ações terapêuticas ocorrem devido a sua composição química, que inclui taninos, saponinas e cânfora (Almeida, 2011; Lorenzi, Matos, 2021). Segundo a crença popular é capaz de absorver as energias ruins ao tirar o quebranto e o mau-olhado. Quando usado em simpatias, traz o amor e a felicidade (Santos et al., 2020). Na umbanda é empregado na forma de banhos para limpeza energética e de defumação com as folhas secas para descarrego e purificação do espírito. É planta da Linha dos(as) pretos(as) velhos(as) (Almeida, 2011; Carlessi, 2016; Purificação, Catarino, Amorim, 2019).

É costume popular colocar um raminho de arruda atrás da orelha para impedir que as pessoas sofram de azar e que estejam mais protegidas das energias ruins, do mau-olhado, do olho-grande e da inveja. Seu forte odor é associado ao efeito protetor contra o mal. Além de ser associada à Linha dos pretos(as) velhos(as) na umbanda, também é uma planta de Exu, assim como todas aquelas que têm espinhos, ardem, queimam, formigam ou causam coceiras no corpo (Silva, 1993). Seu uso contra toda sorte de malefícios remonta à Antiguidade e é disseminado em várias culturas (Camargo, 1998).

A atividade medicinal da arruda é destacada, pois é recomendada para diversos males físicos, tais como problemas menstruais, inflamação na pele, dor de dente, febre, cãibra, doenças do fígado, verminoses e dor de ouvido. Tem efeito anafrodisíaco, emenagogo, anti-helmíntico, abortivo, vasoconstritor, além de poder acarretar sangramentos. Produz óleo essencial com abundante quantidade de metilcetonas. Nas folhas acumula quercetina, alantoína, rutina e derivados cumarínicos, como o bergapteno, a xantotoxina e o psoraleno, que são substâncias fotossensibilizantes e que podem causar sérias queimaduras na pele. Também a saponina do óleo oleanólico, lignanas, anterosídeo antociânico e vários alcaloides (Camargo, 1998; Freitas, Lima, 2021; Lorenzi, Matos, 2021).

O tabaco é usado na confecção de charutos, cigarros, medicamentos e produtos artesanais. Tem relevante importância social e econômica na história da humanidade. Em seu metabolismo secundário produz substâncias do grupo dos alcaloides como, por exemplo, a nicotina, que possui atividade inseticida, e os ácidos málico e cítrico; e também alguns diterpenos de ação fungicida e inibitória do crescimento vegetal. A partir do extrato das folhas foi observada a atividade antibacteriana (Lorenzi, Matos, 2021; Vignoli-Silva, Stehmann, s.d.a).

Quando o tabaco é usado em pequenas doses pode ocasionar aumento na pressão arterial e na atividade da mucosa estomacal. Em doses altas, no entanto, costuma baixar a pressão, diminuir o tônus muscular do aparelho digestório, estimular a respiração e o sistema

nervoso central, o que leva a pessoa a ficar em estado de alerta. O uso prolongado causa o desenvolvimento de tumores malignos e fibrose pulmonar (Lorenzi, Matos, 2021). A nicotina atua no sistema cardiovascular, ocasionando a vasoconstrição, taquicardia e hipertensão arterial (Matos et al., 2011).

O pó obtido da trituração do tabaco é usado como rapé e, quando aspirado, provoca fortes espirros. De acordo com a crença popular, a consequência desses efeitos é considerada benéfica para as vias aéreas superiores, embora não haja comprovação científica. A toxicidade apresentada pelo tabaco, porém, não recomenda seu uso com fins medicinais. Os povos originários das Américas utilizam o tabaco na forma de rapé em cerimônias religiosas, acreditando que a planta tem propriedades místicas e medicinais (Câmara Júnior, 2005). No Brasil, os Tupi, além de utilizá-lo como rapé, também tragam a erva na forma de cigarros. Os portugueses, que levaram o tabaco para a Europa, lhe deram o nome de erva-santa (Souza, 2004). Na classificação litúrgica das plantas usadas em rituais de matrizes africanas é categorizada no compartimento ar (Barros, 2011).

A guiné é muito indicada para banhos de descarrego contra as más energias e os males espirituais (Guedes-Bruni et al., 1985). Além de ser chamada de guiné ou guiné-pipiu no Rio de Janeiro, também é conhecida como amansa-senhor. Esse nome popular está relacionado às perturbações mentais de que eram acometidos os senhores de escravizados quando estes lhes serviam, secretamente, alimentos com doses parceladas e prolongadas do pó da raiz. É sabido que os escravizados tinham o conhecimento do uso de plantas para enfraquecer o cérebro de seus “donos”, levando-os à inanição e à morte lenta. Igualmente usavam esse artifício com os feitores para os tornar mais brandos na convivência diária (Camargo, 2014).

Estudos fitoquímicos mostram a toxicidade dessa planta, que não deve ser ingerida. Extrato de suas raízes e folhas é apontado como hipoglicemiante e abortivo. Pode causar envenenamento, imbecilidade, afasia e levar a pessoa a óbito, dependendo da dose e da duração de seu

uso. Afasia é disfunção que faz com que a pessoa tenha dificuldade de se comunicar adequadamente, afetando a compreensão de imagens, sons e outros tipos de expressão (Ministério da Saúde, 2022).

Os relatos mostram que seu uso continuado causa intoxicação crônica, evidenciada por efeitos como insônia, superexcitação e alucinação. Também podem ocorrer convulsões e mudez devido à paralisia da laringe. Tem como princípios ativos sulfetos orgânicos, nitratos, sheilina, ladonina e pinitol (Matos et al., 2011). A comprovada atividade hipoglicemiante da guiné pode estar associada às ações secundárias sobre o sistema nervoso central de indivíduos que consomem a planta por tempo prolongado (Camargo, 2007). A sheilina e a ladonina são os princípios ativos responsáveis pelos efeitos hipoglicemiantes (Matos et al., 2011).

A guiné tem grande prestígio na liturgia de matriz africana. No candomblé é usada na defumação, nos rituais de sacudimento e nas obrigações no Ori para qualquer Orixá. Sacudimento no contexto das religiões brasileiras de matrizes africanas representa um ritual de limpeza e cura espiritual (Santos, 1999). É planta de Oxóssi, assim como todas aquelas capazes de se agarrar na roupa e nos pelos dos animais (Silva, 1993). Seu fruto, denominado aquênio, tem formato tubuloso com quatro apêndices terminais recurvos (Marchioretto, s.d.a) funcionando como ganchos que se prendem no corpo dos animais e nas roupas a fim de promover a dispersão dessa espécie.

As rezadeiras também identificaram outras ervas que são indispensáveis para os benzimentos nos trabalhos das entidades guias da umbanda, mas que não obtiveram o ICI tão alto quanto aquelas consideradas espécies-chave bioculturais. São elas: o tapete-de-Oxalá (*Plectranthus barbatus* Andr.) (ICI=14), a vence-demanda (*Justicia gendarussa* Burm. f.) (ICI= 9), a colônia (*Alpinia zerumbet* (Pers.) B.L. Burt & R.M. Sm.) (ICI= 12) e a lavanda (*Lavandula dentata* L.) (ICI=10).

O tapete-de-Oxalá, também conhecido como boldo, é originário da Índia e provavelmente foi trazido para o Brasil no período colonial. A infusão de suas folhas frescas é popularmente usada pelos brasileiros para

o tratamento dos males do fígado e problemas de digestão, bem como para minimizar os efeitos da ressaca. Há comprovação da atividade hepatoprotetora, hipotensor, hipossecretora gástrica e anti-inflamatória. Assim, pode ser usado para controlar a gastrite, a dispepsia, a azia e a má digestão. A análise fitoquímica mostra a presença de óleos essenciais como o guaíeno, a fenchona, a barbatulina, a ciclobarbatulina e o cariofal. Também apresenta substâncias dos grupos dos triterpenoides e esteroides (Almeida, 2011; Lorenzi, Matos, 2021). É muito utilizado na umbanda na forma de banho para os filhos de Oxalá (Almeida, 2011).

O banho com as folhas quentes de vence-demanda é indicado na umbanda para quebrar demandas, afastar a inveja, o mau-olhado e as energias negativas que estão dificultando os caminhos dos consulentes. Demanda é um ataque espiritual que pode ser direcionado a uma pessoa ou a um grupo (Quintana, 1999). Essa erva é popularmente conhecida por ter propriedades anti-inflamatórias e analgésicas, devido à presença de flavonoides do tipo C-glicosilados (Oliveira, Andrade, 2000).

A colônia é empregada em banhos com o intuito de acalmar o espírito do consulente. Também faz parte da composição do abô, assim como o alecrim. Na umbanda é classificada como planta fria, com forte ligação com a água. Assim, está relacionada com a essência feminina, o que é enfatizado por sua característica aromática (Almeida, 2011). O chá das folhas é indicado popularmente como calmante, diurético e anti-hipertensivo. Trata-se de erva amplamente perfumada, rica em óleos essenciais dos grupos dos mono e dos sesquiterpenos, com altas concentrações de cineol e terpineol. Igualmente importantes são as substâncias dos grupos dos flavanoides e kava-pironas (Lorenzi, Matos, 2021).

Os gregos e os romanos chamavam a lavanda de nardo. Essa erva é frequentemente citada nos textos bíblicos (Nery, 2019). Nos rituais da umbanda é mais utilizada na forma de banho, além de ser empregada também em defumações (Ferreira et al., 2021). É uma erva feminina, associada a Iemanjá (Almeida, 2011). Tem a propriedade de acalmar o

espírito, tranquilizar em situações difíceis e promover a harmonia (Ferreira et al., 2021).

## Conclusão

Uma das características que une as plantas de benzer é a presença dos aromas produzidos pelos óleos essenciais. O uso das ervas aromáticas estimula ações sensoriais que envolvem o olfato pela inalação e o paladar pela ingestão da infusão e do chá. Essas substâncias marcam quimicamente determinados grupos de plantas, que são reconhecidas por seus cheiros.

A busca pela saúde dentro do contexto da umbanda envolve uma relação intrínseca entre os guias espirituais e as rezadeiras que de forma mediúnica atuam como elo entre o sagrado e a pessoa que está sendo benzida. Para chegar à cura, usam elementos materiais, como as plantas de benzer, um copo d'água e vela, além da reza ou oração para se comunicar com seus guias. Assim, contemplam os quatro elementos essenciais: ar, fogo, terra e água.

Esse modo de benzer encontra-se contextualizado na umbanda, uma religião afro-brasileira que apresenta diversas contribuições culturais. Essas mulheres exercem suas práticas de cura com muita fé, partindo do princípio de que têm um dom sagrado. Levam adiante o lema da umbanda: caridade, doação e amor ao próximo.

## Referências

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. Re-examining hypothesis concerning the use and knowledge of medicinal plants: a study in the Caatinga vegetation of NE Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 2, 2006.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. *Folhas sagradas: as plantas litúrgicas e medicinais nos cultos afro-brasileiros*. Recife: Ufpe, 1997.



ALENCAR, Nelson Leal; SANTORO, Flávia Rosa; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. What is the role of exotic medicinal plants in local medical systems? A study from the perspective of utilitarian redundancy. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 24, p. 506-515, 2014.

ALMEIDA, Maria Zélia de. *Plantas medicinais*. 3 ed. Salvador: Edufba, 2011.

ALVARENGA, Felipe de Melo. Por um Vale do Paraíba indígena: conflitos étnicos e a transformação da propriedade dos índios em Valença (1780-1835). *Revista História*, n. 181, a14420, 2022.

APG, Angiosperm Program Group. An update of the Angiosperm phylogeny classification for the orders and families of plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society*, v. 181, p. 1-20, 2016.

ASSIS, Ana Luiza L. et al. Espécie-chave cultural: indicadores e aplicabilidade em etnoecologia. In: ALVES, Angelo Giuseppe Chaves; SOUTO, Francisco José Bezerra; PERONI, Nivaldo (orgs.). *Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação*. Recife, p. 163-186, 2010.

ASSUNÇÃO, Patrícia Aparecida. *Índios desaldeados no Triângulo Mineiro e Alto Parnaíba: uma análise sobre a construção e uso da autoimagem como formas de empoderamento*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

AZEVEDO, Thais Salatiel de. *Saberes ancestrais sobre o uso ritualístico e medicinal de flores no candomblé da nação angola e na umbanda*. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

BALMÉ, François. *Plantas medicinais*. Curitiba: Hemus, 2000.

BARROS, Ana Angélica Monteiro de; AZEVEDO, Vitor Amorim Moreira de. Iyá Mi Oxorongá: olhares sagrados do feminino no candomblé. *Revista Ethnoscience*, v. 6, n. 2 (especial), p. 113-137, 2021.

BARROS, José Flávio Pessoa de. *A floresta sagrada de Ossaim. O segredo das folhas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

BARROS, José Flávio Pessoa de; NAPOLEÃO, Eduardo. *Ewé Orisá. Uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblés jêje-nagô*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BIRMAN, Patrícia. *Fazer estilo criando gêneros: possessão e diferença de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Eduerj, 1995.

CÂMARA JÚNIOR, Juvêncio Paiva. O tabagismo como um problema de saúde pública. *Revista Brasileira em Promoção de Saúde*, v. 18, n. 3, p. 115-116, 2005.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. *As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil*. São Paulo: Ícone, 2014.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. Contribuição etnofarmacobotânica ao estudo de *Petiveria alliacea* L. – Phytolaccaceae – (“amansa-senhor”) e a atividade hipoglicemiante relacionada a transtornos mentais. *Dominguezia*, v. 23, n. 1, p. 21-27, 2007.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros II: estudo etnofarmacobotânico*. São Paulo: Ícone, 1988.

CARLESSI, Pedro Crepaldi. “Nessas matas tem folhas!”: uma análise sobre ‘plantas’ e ‘ervas’ a partir da umbanda paulista. Dissertação (Mestrado em Análises Ambientais Integradas) – Universidade Federal de São Paulo, Diadema, 2016.

CAVALCANTE, Felipe Sant’Anna; SCUDELLER, Veridiana Vizoni. A etnobotânica e sua relação com a sustentabilidade ambiental. *Revista Valore*, v. 7, e-7050, 2022.

CHIMENTO, Vitor. Miguel Pereira: suas histórias e seus pontos turísticos. *Jornal DR1*, 23 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://jornaldr1.com.br/2020/01/miguel-pereira-sua-historia-e-seus-pontos-turisticos.html#:~:text=A%20evolu%C3%A7%C3%A3o%20hist%C3%B3rica%20Miguel,transpor%20a%20Serra%20do%20Mar>. Acesso em 12 mar. 2024.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. *História das mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 78-114.

DIAS, Ingrid Stephany Silva de Paiva; MENEZES FILHO, Antonio Carlos Pereira de; PORFIRO, Cinthia Alves. O uso do óleo essencial de *Rosmarinus officinalis* L. no paciente com alzheimer. *Brazilian Journal of Science*, v. 1, n. 3, p. 66-96, 2022.

FERREIRA, Maria Eduarda Alves et al. Plantas medicinais utilizadas em rituais de umbanda: estudo de caso no Sul do Brasil. *Revista Ethnoscience*, v. 6, n. 2, p. 1-14, 2021.

FREITAS, Felipe Augusto Marques de; LIMA, Renato Abreu. Um estudo bibliográfico sobre a *Ruta graveolens* L. (Rutaceae). *Revista Biodiversidade*, v. 20, n. 3, p. 111-120, 2021.

GOMES, Antonio Marcos Tosoli. O terreiro de umbanda como espaço de cuidado: algumas reflexões. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 35, e45202, 2021.

GOMES, Tayane Barroso; PORTUGAL, Anderson dos Santos; PINTO, Luiz José Soares. Plantas utilizadas por uma benzedeira em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Natureza Online*, v. 15, n. 1, p. 19-27, 2016.

GOTELLI, Nicholas J.; ELLISON, Aaron M. *Princípios de estatística em ecologia*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GUEDES-BRUNI, Rejan Rodrigues et al. Inventário florístico. In: SYLVESTRE, Lana da Silva; ROSA, Maria Mercedes Teixeira da (orgs.). *Manual metodológico para estudos botânicos na Mata Atlântica*. Seropédica: Edur, 2002. p. 24-50.

GUEDES-BRUNI, Rejan Rodrigues et al. Plantas utilizadas em rituais afro-brasileiros no estado do Rio de Janeiro – um ensaio etnobotânico. *Rodriguésia*, v. 37, n. 63, p. 3-9, 1985.

KILEUY. Odé; OXAGUIÃ, Vera de. *O candomblé bem explicado. Nações Banto, Iorubá e Fon*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

LEMONS, Marcelo Sant'Ana. *O índio virou pó de café? Resistência indígena frente à expansão cafeeira no Vale do Paraíba*. Jundiaí: Paco, 2016.

- LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José de Abreu. *Plantas medicinais no Brasil. Nativas e exóticas*. 3. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2021.
- MACIEL, Maria Regina Antunes; GUARIM NETO, Germano. Um olhar sobre as benzedeadas de Jurema (Mato Grosso, Brasil). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 1, n. 3, p. 61-77, 2006.
- MARCHIORETTO, Maria Salete. Phytolaccaceae. In: REFLORA. Flora e Funga do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2020a. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB24174>. Acesso em 26 mar. 2024.
- MATOS, Francisco José de Abreu et al. *Plantas tóxicas. Estudo de fitotoxicologia química de plantas brasileiras*. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2011.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Biblioteca virtual em saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/afasia/#:~:text=A%20afasia%20%C3%A9%20uma%20disfun%C3%A7%C3%A3o,e%20outros%20tipos%20de%20express%C3%A3o>. Acesso em 10 mar. 2024.
- MOLINA, Ariel de Andrade. *Etnobotânica e práticas alimentares entre os Paiteer Suruí na Amazônia brasileira*. Tese (Doutorado em Botânica) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2023.
- NERY, Salete. O gosto e o cheiro: práticas de consumo e diferenças regionais no Brasil. *Revista Estudos de Sociologia*, v. 24, n. 46, p. 113-134, 2019.
- NUNES, Nathan da Silva. As regiões de planejamento fluminense. In: RIBEIRO, Miguel Angelo; NUNES, Nathan da Silva. *Geografia do estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2019. p. 199-223.
- OLIVEIRA, Antonio Fernando M.; ANDRADE, Laíse de Holanda C. Caracterização morfológica de *Justicia pectoralis* Jacq. e *J. gendarussa* Burm. f. (Acanthaceae). *Revista Acta Amazônica*, v. 30, n. 4, p. 569-578, 2000.
- OLIVEIRA, Erica Caldas Silva de; TROVÃO, Dilma Maria de Brito Melo. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um

olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. *Revista Brasileira de Biociências*, v. 7, n. 3, p. 245-251, 2009.

OLIVEIRA, Fernanda Chamarelli de. O matriarcado e o lugar social da mulher em África: uma abordagem afrocentrada a partir de intelectuais africanos. *Revista do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – Uesb*, v. 3, n. 6, p. 317-339, 2018.

OLIVEIRA, Tayane Aparecida Rodrigues de. *Reza antiga, cura certa: bênçãos, memórias e quebrantos. O ofício da benzedura na cidade de São João Del-Rei*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2022.

PEIXOTO, Ariane Luna; MAIA, Leonor Costa *Manual de procedimentos para herbários*. Recife: INCT. Herbário virtual para a flora e os fungos/Universitária Ufpe, 2013.

PINTO, Mãe Flávia. *Salve o matriarcado. Manual da mulher búfala*. Rio de Janeiro: Aruanda, 2021.

PRANDI, Reginaldo. Axé, corpo e almas: concepção de saúde e equilíbrio segundo o candomblé. *Revista Estudos Afro-brasileiros*, v. 3, n. 1, p. 47-530, 2022.

PRANDI, Reginaldo. Coração de pombagira. *Revista Esboços*, v. 17, n. 23, p. 141-49, 2010.

PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; CATARINO, Elisângela. Maura; AMORIM, Ivonete Barreto. As ervas medicinais na umbanda nos cultos de preto velho. *Revista Fragmentos de Cultura*, v. 29, n. 4, p. 746-756, 2019.

QUADROS, Milena Silvester; GUEDES, Vanessa. A cosmologia das práticas curativas: fazendo extensão com pessoas, cultura e natureza. *Revista da Extensão*, n. 23, p. 66-75, 2022.

QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura. Mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. São Paulo: Edusc, 1999.

REFLORA. Flora e Funga do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Ministério do Meio Ambiente, 2020a. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em 10 mar. 2024.

REFLORA. Herbário virtual. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2020b. Disponível em: <http://www.jbrj.gov.br/jabot>. Acesso em 10 abr. 2024.

SANT'ANA, Elma; SEGGIARO, Daniela. *Benzedeiras e benzeduras*. Porto Alegre: Alcance, 2007.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos. Saúde e sagrado: representações da doença e prática de atendimentos dos sacerdotes supremos do candomblé jêje-nagô do Brasil. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 9, n. 2, p. 55-62, 1999.

SANTOS, Maria Hortência Borges dos et al. Tratando de doenças da alma: etnobotânica urbana. *Etnobiología*, v. 18, n. 3, p. 3-23, 2020.

SARACENI, Rubens. *As sete linhas de umbanda. A religião dos mistérios*. 8. ed. São Paulo: Madras, 2022.

SILVA, Ornato José da. *Ervas. Raízes africanas*. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.

SILVA, Valdeline Atanazio da; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. Etnobotânica xucuru: espécies míticas. *Revista Biotemas*, v. 15, n. 1, p. 45-57, 2002.

SIUDA-AMBROZIAK, Renata. Benzedeiras em via de extinção na Ilha da Magia. *Métis: História & Cultura*, v. 17, n. 34, p. 125-146, 2018.

SOLDATI, Gustavo Taboada; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino. Are the evolutionary implications of vertical transmission of knowledge conservative? *Ethnobiology and Conservation*, v. 5, n. 2, 2016.

SOUSA, Rosemary da Silva. *Espécie-chave cultural: uma análise dos critérios de identificação e de preditores socioeconômicos*. Tese (Doutorado em Botânica) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2014.

SOUZA, Karina Fátima Gonçalves de. *Ira, Emília e Jurema: trajetórias e perspectivas de rezadeiras no subúrbio carioca*. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-raciais) – Centro Federal de Educação Celso Suckow da Fonseca (Cefet), Rio de Janeiro, 2018.

SOUZA, Ricardo Luiz de. O uso de drogas e tabaco em ritos religiosos e na sociedade brasileira: uma análise comparativa. *Saeculum Revista de História*, n. 11, p. 85-112, 2004.

SPECIESLINK. All groups, s.d. Disponível em: <http://www.splink.org.br/index?lang=en>. Acesso em 10 mar. 2024.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. Umbanda na mídia. In: LINARES, Ronaldo Antonio; TRINDADE, Diamantino Fernandes (orgs.). *Memórias da umbanda do Brasil*. São Paulo: Ícone, 2011. p. 29-64.

VIGNOLI-SILVA, Márcia; STEHMANN, João Renato. *Nicotiana*. In: REFLORA. Flora e Funga do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2020a. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB88067>. Acesso em 26 set. 2023.

WFO The World Flora Online. World Flora Online, s.d. Disponível em: <http://www.worldfloraonline.org>. Acesso em 10 mar. 2024.

**Recebido em:** 20 de abril de 2024

**Aceito em:** 10 de julho de 2024